

Imaginário e sociedade: evolução dos ideais interesses das crianças mineiras com relação a preferência por leituras¹

Erlaine Laponez Guerra²

Pesquisas de 1929 a 1944, sobre a preferência de leitura entre estudantes da quarta série primária de Belo Horizonte são replicadas em 1993, numa população com idades variando entre 9 a 16 anos, discriminada por nível sócio-econômico, se aluno de escola particular (A) ou escola estadual (C). Através de análise comparativa entre o resultado presente e o anterior foi observado como o contexto histórico e o ambiente social delimitam a disponibilidade dos livros para escolha pelos alunos.

135

1 Introdução

Tendências na literatura infantil acompanham concepções de criança vinculadas a práticas educativas. Tais práticas se inserem no momento histórico e no contexto de uma sociedade. Os movimentos de vanguarda na literatura infantil, assim como os movimentos de reforma na área da educação, correm paralelos a modelos tradicionais e, no caso brasileiro, foram necessárias algumas décadas para que o discurso alternativo - de ressaltar o papel ativo da criança na aquisição de conhecimento e de escritores de livros infantis reclamando sua posição de artistas - se tornasse discurso dominante. Antes disso, a primeira inspiração, tomada como fio condutor pelos escritores de livros infantis, foi a abordagem moralista, ao mesmo tempo em que, na maioria das escolas, a autonomia e originalidade demonstradas

1 Trabalho integrante da pesquisa *Impacto de transformações sócio-culturais no imaginário de crianças brasileiras (1929-1993)*, sob orientação da profa. Regina Helena de Freitas Campos. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Proc.300856/81-4) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Proc. SHA 1201/90).

2 Bolsista de aperfeiçoamento em pesquisa (CNPq), Departamento de Psicologia da UFMG.

pela criança eram cerceadas por tarefas repetitivas e padronizadas.

Um dos expoentes da reforma preconizada para o ensino brasileiro na década de 30 - o movimento da Escola Nova - foi a psicóloga e educadora russa Helena Antipoff. Ela veio de Genebra a convite do governo de Minas Gerais, que desenvolvia uma política de incentivar reformas no sistema educacional, chegando no ano de 1929 a Belo Horizonte para lecionar às alunas da Escola de Aperfeiçoamento de professores. Desejando conhecer mais sobre a população com a qual lidavam as professoras no seu cotidiano, ela idealizou o estudo sobre os ideais e interesses das crianças, através de questionário dirigido aos alunos dos grupos escolares da cidade.

ANTIPOFF *et al.* (1930,1935,1951) consideravam que os ideais e interesses das crianças se modificam ao longo da história do grupo social. Assim, a repetição do estudo de tempos em tempos, serviria para atualizar os dados. Os estudos foram interrompidos em 1944, quando a própria Escola de Aperfeiçoamento encerrou suas atividades. Era um pioneirismo realizar no Brasil desta época, pesquisas de campo na área da educação, como também, utilizar na abordagem do fenômeno pesquisado, a hipótese de que a internalização pela criança dos sistemas de signos produzidos pela cultura provocaria modificações nos seus interesses e ideais.

ANTIPOFF & CASTRO (1935) redigiram o primeiro boletim com os resultados da pesquisa, escrevendo na introdução do trabalho³ :

"Vejamos para que lado está orientada a consciencia das creanças prestes a deixarem a escola primaria, qual é a sua psychotropia, diremos. / As preocupações, os interesses, os ideaes não são senão as expressões mais ou menos concretas das tend ncias internas que animam o indivíduo e determinam a direcção da conducta, sob a pressão das necessidades ". (p.7)

Elas consideravam que "Estas necessidades mudam com o estado do organismo, de acordo com a juventude e a velhice, a saude ou o sofrimento, e ainda de acordo com o meio em que elle se acha." (p.7). As pesquisas de ANTIPOFF *et al.* e LUSTOSA são então replicadas no ano de 1993, entre alunos da quarta série primária de uma escola particular e outra estadual de Belo Horizonte. Um questionário com dez perguntas⁴ foi respondido pelos alunos e a questão que diz respeito ao gosto infantil por determinadas leituras é analisada no presente trabalho (questão 4). A questão aqui desenvolvida, com relação à preferência das crianças por certos gêneros literários, foi analisada sob a referência dos autores supracitados, mais a perspectiva desenvolvida por autores modernos, de que o sujeito re-elabora ativamente os valores e

³ Em português com ortografia do período.

⁴ São as questões: 1. Que matéria você prefere na escola? 2. Que trabalho você prefere em casa? 3. Qual o seu brinquedo preferido? **4. Qual o livro ou história de que você mais gosta?** 5. Com quem você gostaria de se parecer quando crescer? 6. Porquê? 7. O que você quer ser quando crescer? a. Porquê? 9. Que presente gostaria de ganhar no dia de seu aniversário? 10. O que faria se tivesse muito dinheiro?

representações sociais que internaliza (CHOMBART DE LAWE, 1986; BREAKWELL, 1993). Além disso, o presente estudo introduz como fator de análise, o nível sócio-econômico do aluno.

Através de uma análise comparativa entre o resultado presente e o anterior podemos observar como o contexto histórico e o ambiente social delimitam a disponibilidade dos livros para escolha pelos alunos.

2 Revisão de literatura

Em levantamento sobre preferência de leitura entre as crianças do Rio Grande do Sul, ALBUQUERQUE (1971) relatou estudo realizado por Sobral, abrangendo cerca de 12.000 alunos de escolas oficiais e particulares, 50% para cada gênero. Os resultados mostraram as maiores preferências gerais pelos assuntos de aventuras, fadas, animais, amor, crianças, história, ciências, policial, história do Brasil, folclore, nessa ordem. As meninas elegeram, em primeiro lugar, o gênero dos contos de fadas, com marcada estereotipia; os meninos elegeram ora o gênero aventuras, ora história de animais.

LANGERMAN (1990) comenta alguns estudos ingleses que tratam o gosto infantil por leituras e vale mencionar aqui alguns dos resultados comentados:

FEELEY (1982)⁵ observa um movimento significativo ocorrendo com relação à preferência por livros entre as meninas que, no começo da década de 70 eram responsáveis pelo último lugar ocupado pela categoria de livros sobre esportes, enquanto que em 1980, a mesma categoria se eleva à posição de preferência intermediária, ao mesmo tempo que decresce o interesse por estudos sociais e ciências. A autora atribuiu o interesse crescente das meninas por esportes ao movimento pela emancipação das mulheres na década de 70, sugerindo que as garotas se perceberiam, em 1980, como ativas participantes nos esportes, confirmando a perspectiva de que mudanças na sociedade devem afetar os interesses das crianças.

OSMONT (1987)⁶ observa que as meninas tendem a escolher mais livros de romance e contos de fadas, enquanto que os meninos escolhem de super-heróis, de comédia, ficção científica, que sejam novidade, *cartoon books* e livros "excitantemente coloridos".

CHILDRESS (1985)⁷ escreve que, de acordo com a teoria freudiana do "período

5 FEELEY, Joan T. Content interests and media preferences of middle graders: differences in a decade. **Reading World**, Oct. 1982.

6 OSMONT, Pip. Teacher inquiry in the classroom: reading and gender set. **Language Arts**, Nov. 1987.

7 CHILDRESS, Glenda T. Gender gap in the library: different choices for girls and boys. **Top of the News**, Fall 1985.



do de latência", as crianças tenderiam a se identificar com os papéis sociais modelados para seu gênero, canalizando-os de maneira a satisfazer esse impulso. Assim, meninos escolheriam livros sobre o mundo externo e meninas, textos de ficção, de modo a entenderem as complexidades das relações humanas.

A escolha literária que a criança faz atende também à demanda imediata por um melhor desempenho no meio social: WHEELER (1984)⁸, também citada por LANGERMAN (1990), fornece exemplo de mães que, percebendo a relação do envolvimento dos filhos com atividades extra-curriculares (esportes, aulas de música, aulas de datilografia...) e com tarefas domésticas, observaram que os interesses destes por literatura de ficção declinaram. O cansaço decorrente das atividades diárias fazia com que caíssem na cama à noite (horário formal de leitura para eles) sem pegar em livros. Ao mesmo tempo, tais mães admitiam que seus filhos talvez estivessem lendo tanto quanto antes, porém diversos tipos de material; alguns começavam a ler jornais e revistas ao café da manhã, muitos buscavam informações sobre *baseball*, outros estavam aprendendo a ler partituras de músicas e garotos ainda liam manuais de escoteiro a fim de exercer atividades que lhes renderiam condecorações.

HATT (1976) enumerou quatro condições básicas para a leitura: capacidade de ler e escrever; acessibilidade ao material escrito; condições mínimas do ambiente - objetivas (luz) e subjetivas (necessidade de silêncio, privacidade)-; tempo para ler. Mesmo que estes requisitos sejam cumpridos, ele acrescenta, é necessário que haja motivação para ler. HATT distingue o "leitor instrumental" do "leitor terminal", o primeiro usando a leitura para atingir metas específicas, o segundo realizando-a como um fim nela mesma. O leitor instrumental não teria dificuldade em completar a frase "eu quero ler... para ...", já o leitor terminal precisaria antes tornar-se consciente de um motivo de nível inconsciente para responder a frase.

WALDROP(1991) relatou os resultados de uma pesquisa do GALLUP realizada nos Estados Unidos, onde foi constatado que 89% dos pais entrevistados dizem ler para seus filhos, o que pareceu desencadear na criança um processo de interesse pela leitura e pela decifração do seu conteúdo, antes dos seis anos de idade.

De maneira espontânea, estes pais vêm atuando com um comportamento semelhante aos que, nos séculos passados, tentavam cativar a atenção de platéias iletradas para o conteúdo do livro que se tornava palavra falada. A atenção dispensada para o mágico da feitanha, poderia vir a se tornar interesse pela própria habilidade de realizar a mágica da leitura. DARNTON (1989) escreveu sobre história da leitura na Europa nos séculos XVII ao XIX. Comentou que a leitura tem uma história que não acontece da mesma maneira em cada lugar, que ela seria o exercício incansável do

⁸ WHEELER, Mary Alice. Fourth grade boy's literacy from a mother point of view. *Language Arts*, Oct. 1984

homem para encontrar significado no mundo e também significar a si próprio. Segundo o autor, maior do que a adaptação do leitor exigida pela mudança do texto manuscrito para o texto impresso, deve ter sido a mudança exigida pelo seu ajustamento à uma leitura individual, já que anteriormente o contato com livros significava partilhar de uma experiência coletiva - eram com maior freqüência "ouvidos" do que "lidos". O Século XIX marca um período onde o material disponível para leitura adquire proporções gigantescas (DARNTON, 1989), com a emergência da indústria da imprensa na Europa e o aparecimento da circulação massiva de jornais (THOMPSON, 1995). Sobre o que as crianças não gostariam de ler num livro, MACHADO FILHO (1979) escreveu: "...menino detesta que alguém lhe fale, apequenando-se. Também lhe aborrece o texto deformado, para servir à intenção de aproximar-se dele." (p.10). O autor fez lembrar, sobretudo aos escritores, que o público infantil não é o diminutivo do público adulto, pois as crianças possuiriam sensibilidade estética e preferências, podendo mesmo demonstrar interesse na leitura de livros e periódicos destinados ao adulto. Por outro lado, segundo SORRENTI (1995), livros infantis bem escritos agradam também ao leitor adulto. Logo, segundo estes autores, não haveria um caminho para menor empenho de esforço pelo escritor, uma vez que o público demonstrasse crítica estética.

3 Metodologia

O mesmo questionário com dez perguntas utilizado nas pesquisas prévias, foi respondido por um total de 194 crianças no ano de 1993, na faixa etária de 09 a 16 anos⁹ da 4a.série primária de duas escolas de primeiro grau de Belo Horizonte, sendo uma escola particular, com alunos de nível sócio-econômico médio-alto (Escola A) e uma escola estadual, com estudantes de nível sócio-econômico inferior (Escola C). O critério utilizado na definição do nível sócio-econômico foi a localização das escolas, em um bairro de classe alta e outra, na periferia pobre da cidade. A amostragem consiste de um total de 100 meninas e 94 meninos; das 71 crianças da escola particular, 37 são meninos e 34 são meninas. Das 123 crianças da escola estadual, 57 são meninos e 66 são meninas.

⁹ Idades mais altas foram observadas na população da escola estadual.

4 Resultados

Houve um total de 226 respostas à questão "Qual o livro ou história de que você mais gosta?" (questão 4). Os dados foram distribuídos pelas categorias de gênero literário propostas por ANTIPOFF (1944), acrescidas de mais três novas categorias, a saber: **suspense**, **conto** e **pornografia**, que agruparam respostas não categorizadas anteriormente.

As categorias foram estabelecidas e definidas (ver ANEXO 1) de acordo com a *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (ELB), de Afrânio Coutinho, com o livro *Introdu-*

TABELA 1
Porcentagem das indicações para cada categoria de gênero literário

CATEGORIAS	PERCENTUAL
A)Contos de fadas	24,00
D)Livros de leitura escolar	22,20
P)Não categorizados	9,70
O)Respostas vagas	9,30
H)Almanaques, jornais, revistas	8,90
B)Aventuras	7,50
M)Fábulas	4,00
K)Romance	3,50
S)Conto	3,10
N)Livros e histórias cômicos	2,20
R)Suspense	2,20
F)Livros científicos	1,80
C)Livros históricos, biografias	0,40
I)Lendas	0,40
Q)Não responderam	0,40
T)Pornografia	0,40
G)História de animais	-
J)Poesias	-
H)Histórias reais	-
E)Livros e histórias religiosas e morais	-
Total	100,00

FONTE: Questionários aplicados pela equipe da UFMG em 1993.*

* Todas as demais tabelas referentes ao ano de 1993 foram elaboradas com base nestes questionários.

ção à *Literatura Infantil e Juvenil* (ILIJ) de Lúcia Pimentel Goes, e com o Novo Dicionário da Língua Portuguesa (NDLP) de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. A definição do NDLP foi adotada, no caso de não ser encontrada nas obras de referência (ELB e ILIJ). À frente de cada definição é mencionada a fonte de consulta utilizada, de forma abreviada e entre parêntesis.

Os livros indicados pelas crianças foram localizados e categorizados, e aqueles não localizados são mencionados no ANEXO 1 (item P).

TABELA 2
Tabela comparativa (1993-44-39-34-29)
Questão: “Qual o livro ou história de que você mais gosta?”

CATEGORIA	PORCENTAGEM DAS INDICAÇÕES POR GÊNERO FEMININO(F) E MASCULINO(M)									
	1993		1944		1939		1934		1929	
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
A) Contos de fadas	30,60	16,00	44,40	32,123	39,712	20,822	62,20	46,614	74,40	53,310
B) Aventuras	9,90	4,80	10,10	23,30	12,20	22,50	4,90	14,64	4,60	10,40
C)Históricos e biografias	0,80	-	9,7114	12,50	14,10	11,40	1,70	4,00	3,90	11,30
D)Leitura escolar	19,00	25,70	11,10	11,10	14,40	20,20	14,50	14,60	11,80	10,40
E)Religiosos e morais	-	-	4,90	4,60	4,90	-	3,20	3,80	0,20	0,60
F) Científicos	-	3,80	4,40	4,10	3,60	3,40	2,10	4,70	0,90	3,50
G)História de animais	-	-	1,20	1,50	1,40	0,40	-	-	-	-
H) Revistas e jornais	8,30	9,50	0,60	1,40	0,70	1,70	3,90	3,30	1,80	8,50
I)Lendas	-	1,00	0,40	0,60	0,30	0,10	-	-	-	-
J)Poesias	-	-	0,30	0,40	-	-	-	-	-	-
K)Romances	4,90	1,80	3,60	0,30	1,20	-	1,20	1,00	1,00	2,40
L)Histórias reais	-	-	0,80	0,20	0,70	-	-	-	-	-
M)Fábulas	4,90	2,90	0,40	0,20	0,30	1,00	-	-	-	-
N)Comédia	2,50	1,80	-	0,10	-	-	-	-	-	-
O)Respostas vagas	8,30	10,513	4,60	3,10	3,30	14,10	6,10	4,30	0,90	0,80
P)Não categorizados	6,60	13,50	2,40	2,70	2,30	1,70	-	-	-	-
Q)Não responderam	-	1,00	0,40	0,90	0,40	-	-	-	-	-
R)Suspense	1,70	2,90	-	-	-	-	-	-	-	-
S)Conto	1,70	4,80	-	-	-	-	-	-	-	-
T)Pornografia	0,80	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Número total de indicações em respostas	121,00	105,00	14,830	1216,0	911,00	695,00	755,00	700,00	438,00	322,00

FONTES: ANTIPOFF, 1930; LUSTOSA et al, 1951.



As respostas de 1993 (TAB.1) indicam preferência para os **contos de fadas** (24%) e livros de **leitura escolar** (22,2%).

As indicações de preferência para estes dois gêneros, **contos de fadas** e livros de **leitura escolar**, foram em alta freqüência desde 1929, atingindo uma média de 57,3% das escolhas entre meninas e meninos no período compreendido entre 1929 a 1993 (TAB.2).

Em 1944 os **contos de fadas** ocupavam o 1º lugar na preferência dos meninos e meninas, sendo que a preferência por este gênero literário entre os meninos, em

TABELA 3
Tabela comparativa (1993-44-39-34-29)
Questão: “Qual o livro ou história de que você mais gosta?”

CATEGORIAS	GÊNERO		CLASSE	
	MENINAS A & MENINAS C	MENINOS A & MENINOS C	MENINAS A & MENINOS A	MENINAS C & MENINOS C
A)Contos de fadas	30,60	16,00	1,20	37,60
B)Aventuras	9,90	4,80	9,40	6,40
C)Históricos e biografias	0,80	-	-	-
D)Leitura escolar	19,00	25,70	31,80	16,30
E)Religiosidade e moral	-	-	-	-
F)Científicos	-	3,80	2,40	1,40
G)História de animais	-	-	-	-
H)Revistas e jornais	8,30	9,50	14,00	5,70
I)Lendas	-	1,00	-	0,70
J)Poesias	-	-	-	-
K)Romance	4,90	1,80	3,50	3,60
L)Histórias reais	-	-	-	-
M)Fábulas	4,90	2,90	-	6,40
N)Comédia	2,60	1,80	5,90	-
O)Respostas vagas	8,30	10,50	10,60	8,50
P)Não categorizados	6,60	13,50	11,80	8,50
Q)Não responderam	-	1,00	1,20	-
R)Suspense	1,70	2,90	3,50	1,40
S)Conto	1,70	4,80	3,50	2,80
T)Pornografia	0,80	-	-	0,70
Total de respostas	121,00	105,00	83,00	141,00
Número de sujeitos entrevistados	100,00	94,00	71,00	129

1993, aparece em 2º lugar. podemos observar que a preferência pelo gênero dos **contos de fadas** é massiva para as crianças da Escola C(37,6%) em contraposição a somente 1,2% das indicações das crianças da Escola A(TAB.3 e 4).

A preferência das meninas em 1993 é por **contos de fadas** (30,6%) e dos meninos por **livros de leitura escolar** (25,7%)(TAB.2). Não podemos falar de uma estereotipia por gênero em 1993, pois as diferenças nas escolhas literárias entre os meninos e meninas da Escola A praticamente desaparecem (TAB.5), e na Escola C as preferências de um gênero são também acompanhadas por alta frequência de respostas pelo gênero oposto.

Os livros de **leitura escolar** indicados pelos alunos da Escola A são de gêneros literários diversificados (TAB.6). Por outro lado, as crianças da Escola C citam com boa frequência os livros didáticos. Curioso observar que houve apenas a indicação de um livro comum às duas Escolas (*O menino do dedo verde*).

TABELA 4
Porcentagem e número total (T) das indicações categorizadas como contos de fadas; discriminação por classe (Escola A e C) e gênero feminino (F) e masculino (M) no ano de 1993.

INDICAÇÕES	ESCOLA A		ESCOLA C		T	%
	F	M	F	M		
1.Branca de Neve e os Sete Anões	-	1	6	4	11	20,37
2.Joãozinho e Maria	-	-	6	-	6	11,11
3.Os três Porquinhos	-	-	4	2	6	11,11
4.Cinderela	-	-	5	-	5	9,26
5.Alice no País das Maravilhas	-	-	3	2	5	9,26
6.A Bela Adormecida	-	-	4	-	4	7,41
7.Chapeuzinho Vermelho	-	-	3	1	4	7,41
8.Pinóquio	-	-	1	2	3	5,56
9.Contos de fadas	-	-	1	1	2	3,70
10.Historinhas	-	-	1	-	1	1,85
11.Gata Borralheira	-	-	1	-	1	1,85
12. Pinóquio em Férias	-	-	1	-	1	1,85
13.Fada Encantada	-	-	1	-	1	1,85
14.As Mais Belas Histórias	-	-	-	1	1	1,85
15.O Soldadinho de Chumbo	-	-	-	1	1	1,85
16.João e o Pé de Feijão	-	-	-	1	1	1,85
17.Peter Pan	-	-	-	1	1	1,85
Total de indicações	34	37	66	57	54	100,00
Total de sujeitos	34	37	66	57	194	-

TABELA 5
Porcentagem das indicações no ano de 1993, discriminação por gênero e nível
sócio-econômico (Escola A ou C).

CATEGORIA	GÊNERO MASCULINO		GÊNERO FEMININO		TOTAL %
	ESCOLA A	ESCOLA C	ESCOLA A	ESCOLA C	
A) Contos de fadas	2,3	26,3	0	46,2	24,0
B) Aventuras	4,5	4,9	14,6	7,5	7,5
C) Históricos e biográficos	0	0	2,4	0	0,4
D) Leitura escolar	29,5	22,9	34,2	11,3	22,2
E) Religiosos e morais	0	0	0	0	-
F) Científicos	4,5	3,4	0	0	1,8
G) História de animais	0	0	0	0	-
H) Revistas e jornais	15,9	4,9	12,3	6,3	8,9
I) Lendas	0	1,6	0	0	0,4
J) Poesias	0	0	0	0	-
K) Romance	4,5	0	2,4	6,3	3,5
L) Histórias reais	0	0	0	0	-
M) Fábulas	0	4,9	0	7,5	4,0
N) Comédia	4,5	0	7,3	0	2,2
O) Respostas vagas	11,4	9,8	9,8	7,5	9,3
P) Não categorizadas	9,3	16,4	14,6	2,5	9,7
Q) Não responderam	2,3	0	0	0	0,4
R) Suspense	6,8	0	0	2,5	2,2
S) Conto	4,5	4,9	2,4	1,2	3,1
T) Pornografia	0	0	0	1,2	0,4
Total de respostas	44	61	41	80	226
Número de sujeitos entrevistados	37	57	34	66	194

A escolha por **leitura escolar** aparece, em primeiro lugar para os meninos e em segundo lugar para as meninas (TAB.2), e em primeiro lugar nas respostas das crianças da Escola A e em segundo, para a Escola C (TAB.1). Foram as maiores porcentagens de indicações das crianças, desde 1929, para a categoria.

Se nas pesquisas anteriores procurava-se focalizar a evolução das preferências por gênero, em 1993 os resultados sugerem que as diferenças de gênero podem estar condicionadas a fatores sócio-econômicos. A alta freqüência de respostas das crianças da Escola C pelo gênero dos **contos de fadas** (meninas 46,2% e meninos 26,3%) e livros de **leitura escolar** (em sua maioria, didáticos: meninos 22,9% e meninas 11,3%), faz levantar a questão de que, se não faltaria aos alunos desta Escola a

ido pelos pais, que podem estar delegando a ela a função de "melhor supridora" da demanda para "o bom livro que deva ser lido pela criança". Se esta função, cabe somente a escola, seria raro que a criança não se habituasse à disponibilidade daqueles livros apenas.

Por outro lado, de acordo com LUSTOSA, CUNHA E MORAIS(1951), que analisaram os resultados até o ano de 1944, a alta frequência de respostas para **livros de leitura escolar**, seria indicativa da baixa escolha de livros recreativos pelas crianças. As autoras acreditavam que algumas crianças respondiam ao que era imaginado ser esperado delas, visto que raramente indicavam os gêneros literários de **romance, histórias de animais e reais, almanaques e jornaizinhos**, apesar de serem vistas pelas professoras manuseando estes materiais. Elas justificaram o comportamento das crianças que não mencionaram a verdadeira preferência nas leituras, pelo provável receio de que tal gosto fosse condenado pelas professoras e pelos pais.

A escolha para a categoria das **fábulas**, embora significativamente menor, vem crescendo até o ano de 1993. A escolha por **fábulas** aparece restrita às crianças da classe C (6,4%, 4º lugar). O interesse por **lendas** ainda não ultrapassou o índice de 1%, desde 1929, para ambos os sexos.

Já o interesse de meninos e meninas pelas **aventuras** cresceu nos anos de 1939 e 1944, sofrendo um decréscimo em 1993. Os meninos revelavam desde 1929 o dobro do número das indicações das meninas para o gênero **aventura** até o ano de 1944. Em 1993 ocorre uma inversão, notando-se que as meninas fazem o dobro das indicações dos meninos, escolhendo o gênero em terceiro lugar de preferência e os meninos em sexto; nas pesquisas de 1934, 1939 e 1944 o gênero **aventura** entre os meninos figurava, ora na primeira ora na segunda posição.

Podemos observar que não houve indicação para as categorias **livros e histórias religiosas e morais, histórias reais, história de animais e poesias**, no ano de 1993 (TAB.1), mas vale a análise em particular para cada uma dessas categorias.

As escolhas para os livros com motivos **religiosos e morais**, na década de 1940, ocupavam o 5º lugar na preferência das crianças, tanto entre as meninas quanto entre os meninos, sendo que, desde 1929, sempre houve indicação para a categoria.

Livros com **histórias reais** não despertavam interesse significativo nas crianças mineiras entre as décadas de 30 e 40 (ANTIPOFF, 1930,1935; LUSTOSA et al 1951) e, na década de 90, a categoria ainda não é fonte de preferência entre os estudantes consultados (TAB. 2 e 3).

Temos, de fato, dois livros categorizados como livros de **leitura escolar**, que são **histórias de animais** (TAB.6), e um livro categorizado como **conto** (*Coisas de*

crianças) que possui uma segunda parte com **poesias**. Logo, existe indicação para os gêneros **história de animais** e **poesias**, mas continua, de maneira geral, em número mínimo nas pesquisas, desde 1929.

ALBUQUERQUE (1971), entretanto, exibe os resultados apurados por SOBRAL com as crianças do Rio Grande do Sul, onde o gênero **história de animais** aparece por três vezes entre as freq ências mais altas de respostas a perguntas sobre preferência por leituras. Os gêneros de **história geral** e **história do Brasil** são classificados em 6º e 9º lugares, ocupando o terceiro lugar geral. Todos os três gêneros distintamente receberam mais de 500 indicações da totalidade das crianças (cerca de 12.000 alunos).

O interesse das meninas (8,3%, 4º lugar) e meninos (9,5%, 5º lugar) por **almanaques, jornais e revistas** supera outros gêneros literários, como **biografia, livros científicos, romance, fábula, com dia, contos**, perfazendo em 1993, o ndice máximo das indicações obtidas, em comparação com o mesmo índice nas décadas anteriores. As crianças da Escola A fazem o dobro das indicações das crianças da Escola C para a categoria dos **almanaques, jornais e revistas** (TAB.4), ficando a categoria em segundo lugar na preferência destas crianças, contra o quinto lugar na escolha da mesma pelos alunos da Escola C.

Apenas os alunos da Escola A escolhem o gênero dos **livros e histórias cômicos** (5,9%), com preferência pelo gênero em sexto lugar.

O gosto por **suspense** (2;2%) e interesse por **pornografia** (0,4%) fazem surgir novas categorias de interesse (TAB.1), assim como o gênero literário dos **contos** (3,1%) que não figurava nas tabelas de resultados das pesquisas desde sua primeira aplicação em 1929.

As indicações para o gênero **romance** sobem na preferência das meninas, desde 1929, atingindo, em 1993, o índice máximo de 4,9% (TAB.2); entre os meninos, durante o mesmo período, houve oscilações que não ultrapassaram o índice de 2,5%.

Os livros **científicos** são escolhidos pelos meninos, numa média de 3,9% das indicações para a categoria ao longo das pesquisas; já para as meninas, em 1993, não houve indicação direta para o gênero, apesar dos resultados anteriores mostrarem que o índice crescia a cada nova pesquisa dos interesses.

O índice referente ao gênero **biografias** atinge, em 1993, o menor número de indicações desde 1929.

O número de **respostas vagas e não categorizadas** aumentou em 1993, relativamente às outras pesquisas.



5 Discussão dos resultados e conclusão

Pelos dados analisados, observa-se que a preferência das meninas pelo gênero dos contos de fadas aparece com maior frequência entre as crianças da Escola C; estudantes da Escola A indicam livros mais diversificados de gênero literário na leitura escolar do que os da Escola C, que nessa categoria citam com boa frequência livros didáticos; houve um decréscimo no interesse dos meninos pelo gênero da aventura, onde pela primeira vez as meninas os excedem com o dobro das indicações; de um modo geral, meninos e meninas estão lendo mais almanaques, jornais e revistas do que antes, surgindo também indicações de interesse por leitura de contos, suspense e pornografia, categorias inexistentes nas pesquisas prévias.

As autoras das pesquisas de 1944, consideram um mau sinal a escolha das crianças por contos de fadas quando prestes a deixarem os estudos primários. Segundo elas, a necessidade é de se "dar atenção maior às leituras dos escolares, de levá-las a ler mais, a melhor compreender suas leituras, a fim de não se contentarem com leituras fantásticas e pueris" [...] "esse mundo de sonhos e fantasias" (1951, p.169).

Entendo que não seria o caso de se fazer apologia sobre a literatura realista, primando pelo pensamento lógico-dedutivo, como se fosse a intenção de ver minimizado o mundo de fantasias da criança, pois o pensamento simbólico constitui, antes, forma pré-lógica e não antilógica de expressão. PIAGET(1978) considerou o pensamento simbólico como a única tomada de consciência possível da assimilação aos esquemas afetivos:

"Um sistema de esquemas afetivos é comparável a um sistema de esquemas intelectuais, tão verdadeiramente os dois constituem os aspectos complementares de uma mesma e única realidade total, ou seja, o sistema dos esquemas de ações reais ou virtuais...

...o pensamento simbólico [...] se contenta, como o pensamento intuitivo, com regulações análogas às regulações perceptivas, [...]" (p.271)

O pensamento intuitivo, segundo PIAGET (1978) seria o intermediário entre a imagem e o conceito; ele só representa imaginando, diferentemente da lógica, que representa pela dedução das relações.

Poderíamos pensar a preferência maciça das crianças pelo gênero dos contos de fadas como uma das maneiras de expressão de seus esquemas afetivos, que nas classes mais altas, poderiam estar encontrando vazão por outros meios alternativos, como jogos, brinquedos, bens culturais diversificados, realidade diferente de muitas das crianças que frequentam a Escola C e que auxiliam os pais nos serviços domésticos (CAMPOS, 1993).

As indicações das crianças espelham esse momento de transformações históricas no contexto social brasileiro e no conjunto das mudanças de uma sociedade interligada ao panorama mundial, quando meninos e meninas em 1993 fazem referência significativa à leitura de jornais, almanaques e revistas; quando correlacionado à produção em larga escala de estímulos visuais vários pela mídia moderna surgem as categorias de interesse por temática sexual e suspense. THOMPSON (1995) examinou a emergência e o desenvolvimento das indústrias da mídia, traçando o processo de transmissão cultural para realçar a compreensão da natureza e desenvolvimento da comunicação de massa. Em um capítulo dedicado ao tema, o autor escreveu que meios diversos de transmissão cultural exigem dos indivíduos que os utilizam diferentes habilidades, a fim de codificar e decodificar mensagens nos referidos meios; como exemplo, assinalou algumas das diferenças entre ler um texto literário e assistir um programa de televisão: o primeiro exige recursos e esforço considerável de concentração, o último permite diferentes graus de atenção. WALDROP (1991), escreveu pela pesquisa GALLUP, que a maioria dos americanos concordam em que assistir televisão é mais divertido do que ler livros (52% *versus* 34%), mas a maioria (60%) também declarou que livros são melhores para aprendizagem.

Almanaques, jornais e revistas em circulação procuram acompanhar mudanças culturais, propósito que interessa ao leitor que busca se atualizar nestas informações ou, simplesmente, desfrutar de novidades, mesmo a respeito de personagens conhecidos (atores e atrizes de novelas e filmes, protagonistas de gibis, etc.). A leitura destes gêneros permite, de acordo com sua especificidade, que o indivíduo empregue diferentes graus de concentração e, eventualmente, de reflexão sobre o conteúdo escrito. O esforço na leitura está na dependência da complexidade do texto e dos recursos individuais mobilizados para sua decifração e compreensão.

Já foi mencionado na introdução deste estudo como o contexto histórico delimita a disponibilidade do material de leitura para escolha; THOMPSON (1995) descreveu como o ambiente social, atravessado por articulações institucionais, transmitiria um texto literário. Entre as instituições específicas relevantes para este processo estariam a organização publicadora, a rede de distribuição, as instituições da mídia e o sistema educacional. O autor entende estas diferentes instituições como *canais de difusão seletiva* das formas simbólicas, isto é, "o conjunto de arranjos institucionais através dos quais as formas simbólicas circulam, de diferentes maneiras e em diferentes quantidades, no mundo social"(p.224). Interessante usarmos esta idéia dos *canais de difusão seletiva* das formas simbólicas, como instrumento de análise dos resultados obtidos nesta pesquisa, que apontam na direção da lacuna existente entre o consumo de leituras numa população pobre e numa população favorecida economicamente. Como estes livros chegariam a cada uma das duas Escolas?



MEDINA (1975) ilustrou como os livros produzidos pelas organizações publicadoras chegam ao mercado de consumo, numa pesquisa que realizou para o Sindicato Nacional de Editores de Livros, no sentido de estudar o hábito dos brasileiros com relação à leitura. Entre outras conclusões percebeu que existia uma tônica de modernização com emprego de tecnologia avançada, de tiragens maiores como meta empresarial entre os editores, para que o custo do livro diminuísse e pudesse ter seu acesso facilitado à maior parte da população. Observou também o reverso desta meta, quando a comercialização faz perder de vista a contribuição intelectual, cultural e de formação que o livro tem, razão pela qual livros que não vendem podem encontrar resistência para sua publicação. Segundo o autor, os editores poderiam ser divididos entre os editores de livros didáticos e editores de livros com outras finalidades; para os primeiros, criou-se um mercado de livro obrigatório, onde o governo participou assumindo o papel de responsável pelo acesso da população escolar a materiais baratos. Este "consumidor certo" consolidou duas linhas de atuação no mercado pelos editores, a paternalista e a competitiva, onde em ambas atuações o autor observou ser possível a não distinção entre o "leitor obrigatório" e o "leitor voluntário", este usualmente leitor regular. Frente a estas observações, o autor confiou ao editor independente um papel relevante neste processo de transmissão de herança cultural e de renovação intelectual.

Não acontecem ao acaso as indicações das crianças para a categoria dos contos, apenas nesta última pesquisa sobre seus interesses. Somente a partir da década de 70, é que o estilo na produção literária juvenil brasileira irá marcar uma ruptura com os modelos utilitários e pedagógicos até então vigentes, modelos que datavam do início deste século (PERROTI, 1986; 1992). É claro que existiam exceções, como Monteiro Lobato, que nas décadas anteriores já abria caminho para os autores que mais tarde passariam a reivindicar a versão estética da obra, sua coesão interna e autorregulação. Segundo PERROTI (1992), a preocupação com o valor estético na obra literária infantil, no Brasil, surge quando o modelo social tradicional - que sustentava métodos educativos inibidores da atividade infantil - vai sendo superado por outro de "feições modernizantes", sob influência dos expoentes do movimento da Escola Nova no país. A concepção de criança, subjacente a esse plano de reformas no ensino, gerou mudanças não apenas limitadas ao ambiente didático, mas também no sentido de resignificar seu papel na sociedade. A mudança na concepção do destinatário leitor, por sua vez, levou a modificações no conteúdo escrito a ele direcionado.

Evidências de que as meninas, em 1993, se percebem mais como co-participantes nos interesses com o gênero oposto, são suas indicações nas categorias aventura, comédia, suspense, conto e pornografia, que as vezes excedem o número de indicações dos meninos. AFONSO *et al* (1995) caracterizou uma amostra de 1.041

famílias de crianças e adolescentes de Belo Horizonte, do ponto de vista de sua estrutura, dinâmica interna, situação sócio-econômica e interação com instâncias sociais. Verificou que a responsabilidade de participação nas tarefas domésticas cabia massivamente às filhas de todos os tipos de família em todas as faixas de renda, apesar de que essa participação era significativamente menor entre as jovens de família com renda acima de dez salários mínimos - aqui, podemos notar que o papel de gênero é atravessado pelo nível sócio-econômico. Os índices de co-participação observados nos interesses das meninas, paralelamente aos interesses dos meninos, podem ser vistos como a busca de modelos de identificação pelas crianças com heróis da mídia (44,1%), consigo mesmo (27%) e com pessoas da família (21,2%)(CAMPOS, 1993), isto é, o peso das identificações com familiares estaria atenuado por outras fontes de identificação.

BABBITI (1989), escritora de livros infantis norte-americana, colocou a questão sobre que espécie de prazer irá derivar o leitor que se afina com o tema ou gênero de um livro. Vale lembrar que, assim como o contexto histórico e o ambiente social delimitam a disponibilidade dos livros para escolha - como também padrões de comportamento frente à leitura, que se modificam ao longo de um período de tempo e através de vicissitudes culturais (DARNTON, 1989) - o estudo de possíveis prazeres motivando estes interesses, como propôs a autora, deveria, de maneira semelhante, tomar os gostos manifestos sob o viés das vicissitudes do sujeito.

Um tema também de conveniência para esta discussão, seria a qualidade do material escrito que se destina ao público infantil e a formação do profissional habilitado a esta seleção. JOSÉ, MARTINEZ e PERROTI (1992) são quase unânimes ao apresentarem em congresso internacional sobre literatura infantil, os critérios mais importantes na escolha de livros infantis e juvenis: riqueza de conteúdo, força expressiva, adequação da linguagem, originalidade do texto, o lúdico, cumplicidade com o mundo da criança, presença de personagens fortes, enredo pontuado de acontecimentos. Alguns critérios mínimos quanto à qualidade gráfica podem ser acrescentados a esta lista (YUNES, 1992). Quanto à formação do profissional habilitado a esta seleção, fica o desejo de ver ampliada a literatura nacional dedicada ao tema. O mesmo desejo é extensível à questão sobre o gosto infantil por leituras.

Em conclusão, esta pesquisa sugeriu a pertinência da análise das diferenças por gênero, correlacionadas ao respectivo extrato social dos indivíduos, nós que nos construímos nesta via de mão dupla: via de receber significados e valores, via de produzir valores e significados com o que recebemos da história e da cultura.

Imaginary and society: evolution of children's ideals and interests in Minas Gerais related to reading preference.



Surveys from 1929 to 1944 on reading preferences made amongst Belo Horizonte junior fourth grade students are repeated in 1993 amongst a population with age between 9 and 16 years, discriminated by social and economical level if private school student, (A), or if state school, (C). By a comparative analysis between present and former results, it was noticed how the historical context and the social environment circumscribe the books available for the students choice.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 AFONSO, Maria Lúcia M.(Org.). **Famílias de crianças e adolescentes**: diversidade e movimento. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, 1995. 167p.
- 2 ALBUQUERQUE, Irene de . Levantamento sobre preferências de leitura entre as crianças do Rio Grande do Sul. **Boletim Informativo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil**, Rio de Janeiro, v.3, n.14, p.28-31, jun.1971.
- 3 ANTIPOFF, Helena. Ideias e interesses das crianças de Belo Horizonte e algumas sugestões pedagógicas. **Boletim 6**, Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, 1930.
- 4 ANTIPOFF, Helena, CASTRO, Maria Angélica de. Ideias e interesses das crianças de Belo Horizonte no intervalo de cinco Anos. **Boletim 17**, Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, 1935.
- 5 BABBITI, N. The purpose of literature: who cares? **School Library Journal**, v.36, n.3, p.150-152, Mar.1990.
- 6 BREAKWELL, Glynis M. Social representations and social identity. **Papers on Social Representations**, v.2, n.3, p.129-252, 1993.
- 7 CAMPOS, Regina Helena de F. Impacto de transformações sócio-culturais no imaginário de crianças brasileiras(1929-1993). **Psicologia e Sociedade**, 1996 (No prelo).
- 8 CHOMBART DE LAWE, Marie-José. Liens entre les représentations véhiculées sur l'enfant et les représentations par les enfants. In: DOISE,W., PALMONARI, A. (Org.). **L'étude des représentations sociales**. Neuchâtel, Paris: Delachaux et Niestlé, 1986. p.96-117.
- 9 ENCICLOPÉDIA de literatura brasileira. Rio de Janeiro: FAE, 1989. v.1-2.
- 10 DARNTON, Robert. Toward a history of reading. **Wilson Quarterly**, p.86-102, Autumn 1989.
- 11 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed.rev.aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1986. 1838p.
- 12 GOES, Lúcia. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.
- 13 HATT, Frank. **The reading process: a framework for analysis and description**. London: C.Bingley, 1976. 124p.
- 14 JOSÉ, Elias, MARTINEZ, Marina , PERROTI, Edmir. Escolha de obras:questão em aberto. **Releitura**, Belo Horizonte, n.2, p.4-11, jan./mar. 1992.

- 15 LANGERMAN, D. Books and boys: gender preferences and book selection. **School Library Journal**, v.36, n.3, p.132-136, Mar.1990.
- 16 LUSTOSA, Irene et al. Os ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte de 1929 a 1944. **Revista do Ensino** 200, Belo Horizonte, jul./dez. 1951.
- 17 MACHADO FILHO, Aires M. , ARAÚJO, Henry. **Ensaio sobre literatura infantil**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais - Superintendência Educacional, 1979.
- 18 MEDINA, CAde. **A função social do livro na atual realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1975. 73 p.
- 19 PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: ícone, 1986.
- 20 PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- 21 SORRENTI, Neusa. A hora e a vez da literatura infantil. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.1, n.3, p.20-27, mai./jun. 1995.
- 22 THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- 23 VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- 24 WALDROP, Judith. The 1990's will be better for reading. **American Demographics**, p.17, Nov. 1991.
- 25 WITTER, Geraldina Porto. A leitura e o bibliotecário: considerações sobre especialização. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.24-38, mar.1989.
- 26 YUNES, Eliana. Da crítica e da seleção de livros para crianças e jovens. **Releitura**, Belo Horizonte, n.3, p.39-45, abr./jun. 1992.



ANEXO 1

Definições de gêneros literários, categorias de respostas utilizadas:

a) Contos de Fadas, Histórias Maravilhosas

A presença do maravilhoso é sua característica fundamental. Depois as personagens, em geral, poucas e apresentando grande unidade, às vezes crianças, outras jovens em idade de casar. Podem proceder de uma cabana muito pobre ou de um faustoso palácio encantado. Sua origem, as características que as distinguem, o modo como atuam são extremamente exageradas. Ou são excessivamente boas, ou medrosas, belas ou tragicamente feias, ou perversas ou covardes, ou valentes e nobres. Ou são anõesinhos, ou gigantes, bruxas ou princesas, reis disfarçados de mendigos ou mendigos convertidos em reis e cavaleiros. (ILIJ)

b) Aventuras

Em todas as formas intervém o elemento real que os diferencia dos contos fantásticos ou maravilhosos; os obstáculos opostos à marcha do herói não passam de obstáculos naturais sobre os quais triunfa, seja por sua inteligência, seja com o apoio das invenções científicas. (ILIJ) Exemplos de respostas classificadas nessa categoria são: Viagens de Gulliver, O Sítio do Pica-pau Amarelo, Reinações de Narizinho, etc.

c) Livros Históricos, Biografias

Gêneros pertencentes à história; a biografia consiste no relato da vida de uma pessoa, podendo ser escrito pelo próprio, quando se chama autobiografia e se relaciona com memórias. A meta suprema do gênero é reproduzir o processo de desenvolvimento natural da vida de uma personalidade. (ELB) Exemplo: "biografias".

d) Livros de Leitura Escolar

Livros de fácil acesso para a criança na escola ou que foram indicados como parte do programa de um ano letivo.

e) Livros e Histórias Religiosas e Morais

Procura-se despertar o interesse do leitor para que a mensagem seja aproveitada. Há enorme preocupação pelo pedagógico. (ILIJ)

f) Livros Científicos

Livros que tratam de um conjunto de conhecimentos coordenados relativamente a determinado objeto. (NDLP) Exemplos: Os caçadores de Baleia, Ciência, Matemática.

g)Histórias de animais

A ação se desenvolve centrada nas personagens que são animais. "Servem também, para que o homem critique sua civilização que aprisiona, persegue e maltrata os animais."(ILIJ)

h)Almanaques, Jornais, Revistas

Publicações periódicas. Exemplos:Capricho, Veja, Pato Donald, Asterix, história em quadrinhos, etc.

i) Lendas

Diz respeito a personagens famosos, populares, revolucionários, santos. Seu sentido estendeu-se para significar uma história ou tradição oriunda de tempos imemoriais e popularmente aceita como verdade (ELB). Com final maravilhoso, com personagens sobrenaturais e a fatalidade fixando a presença do destino, o homem dominado pelo desconhecido. (ILIJ)

Exemplo: "Estória do Saci".

j)Poesias

Prosa em ritmo, com jogo de palavras, representações do som.(ILIJ)

k)Romances

Gênero literário de natureza narrativa, em que se narra um episódio ou incidente da vida, em geral fictício. Inclui os elementos: narrativa com pessoas envolvidas (personagens), acontecimentos (enredo) e lugar onde ocorrem os fatos (situação, ambiente, cenário); tempo em que a ação decorre; diálogo entre os personagens; estilo característico da narrativa e do autor.(ELB) Exemplos: Não se Esqueçam da Rosa, O Diário de um Mago, Romance de Romeu e Julieta, Romance, etc.

l)Histórias Reais

Narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida da humanidade.(NDLP)

m)Fábulas

Gênero literário de ficção. É uma pequena história, em verso ou prosa, usando animais como personagens, de intuítos moralizantes e estrutura dramática, às vezes de conteúdo mítico. Encerra alusões satíricas à pessoas contemporâneas ou à humanidade em geral.(ELB)Exemplos: O Patinho Feio, O Gato de Botas.

n)Livros e Histórias Cômicos

Gênero dramático visando ao riso e ao divertimento, escrito em linguagem leve, familiar, coloquial, humorística ou satírica, com personagens cômicos ou ridículos, conduzindo a trama a um final feliz. (ELB)Exemplo: "comédia".

O) Respostas Vagas

Exemplos: Qualquer interessante para minha idade, Todos, Infantis, Qualquer



um, Nenhum, Outros, Histórias de Monteiro Lobato, Tantos que nem Lembro, livro da Ruth Rocha, Livros da série Vagalume.

p) Não Categorizados

Livros não encontrados. São eles: Zé Folgado, O Menino que Quebrou o Tempo, Aventura nas Nuvens de Verão, Filhote, O Matuto, Barrados no Baile (americano), Drácula, A Velha Contrabandista, Exterminadores de Riquezas, A Casa (ou cama) Sonolenta, A Jangada, O Menino que Aprendeu a Ouvir o Silêncio, História Sem Fim, O Burrinho, Rei da pagodeira, Os Piratas.

q) Não Responderam

r) Suspense

Gênero que mantém o discurso de suspensão, com o prolongamento de uma nota ou pausa em musica; que faz sentido incompleto; que mantém sustado (NDLP) Exemplos: “livros de suspense”, “livros de terror”.

s) Conto

Pode-se tornar como definição do conto a sua extensão: em geral é curto, ligado a cenas, episódios de complexidade reduzida, ações isoladas, corte de vida menores, estudo de caracteres ou situações, acontecimentos cotidianos aparentemente banais, mas representativos de ação ou personagens, encontros, conversas, fantasias. Seu conteúdo é narrativo, onde um relato ou história constitui um núcleo do desenvolvimento em torno do qual giram os conhecimentos e os conflitos. (ELB) Exemplos: O Frio Pode Ser Quente, O Menino Maluquinho, O Homem do Furo na Mão e Outras Histórias, O reizinho Mandão, O Dicionário de Serafina, etc.

t) Pornografia

Que trata sobre sexo; caráter obsceno de uma publicação. (NDLP) Exemplo: “sexo”.